

**ADEMIR PASCALE
ORGANIZADOR**



Poesias ao vento

Vol. XII

"Poesias ao vento são sussurros da alma que dançam no ar, tocando corações distraídos com a leveza de um sentimento eterno."

SELO CONEXÃO LITERATURA

ORGANIZADOR

ADEMIR PASCALE

Copyright © por Autores
Projeto editorial por Ademir Pascale
Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização dos
autores
Obra protegida por direitos autorais
Este e-book é parte integrante
da Revista Conexão Literatura
ISBN: 978-65-01-62687-1
2025
Patrocínio:
www.revistaconexaoliteratura.com.br

SUMÁRIO

CLIQUE SOBRE O TÍTULO DO TEXTO DESEJADO

LÁ ONDE O VENTO FAZ A CURVA, POR ALEXANDRE C. DE J. NOLÊTO, PÁG. 05
O MERCADO, POR ANA CARVALHO, PÁG. 07
REPOSTA POSITIVA NEGATIVA COMO ERA VOCÊ, POR ANA CHAVES, PÁG. 09
PERDIDO EM SI MESMO, CLODIOSVALDO, PÁG. 11
O ECO DA VIDA, POR D'RUTTY, PÁG. 13
GAROA, POR FRANKLIN EMMANUEL DA SILVA MANO, PÁG. 17
POESIA, POR JANINE RASADOR, PÁG. 20
VARRAM AS AGULHAS DE PINHEIRO, POR KAROLINA VÁLOVÁ, PÁG. 22
VERDE PORMENORIZADO, POR KAROLINA VÁLOVÁ, PÁG. 24
MEIA COLHER DE CHÁ DE AREIA, POR KAROLINA VÁLOVÁ, PÁG. 26
ALFABETOS DO DIA E DA NOITE, POR KAROLINA VÁLOVÁ, PÁG. 28
PEDREIRA, POR KAROLINA VÁLOVÁ, PÁG. 30
VOCÊ É O SOL, POR LIA, PÁG. 32
FRAGMENTOS DE UM CAOS DOCE, POR MAJU DORIA, PÁG. 34
REFLEXÕES DE UMA PSICÓLOGA, POR MARCIA REGINA NOGOCHALE BONETI, PÁG. 39
ORAÇÃO DO CAVALO, POR MARCIA REGINA NOGOCHALE BONETI, PÁG. 41
LYZ, POR MARCIA REGINA NOGOCHALE BONETI, PÁG. 43
NEUROSES, POR MARCIA REGINA NOGOCHALE BONETI, PÁG. 46
RETRATO DA REALIDADE, POR MARCIA REGINA NOGOCHALE BONETI, PÁG. 48
VIDA, POR MARIA DE LOURDES PEREIRA COSTA, PÁG. 50
PELA JANELA, POR MARIA DE LOURDES PEREIRA COSTA, PÁG. 52
ENVELHECER, POR MARIA DE LOURDES PEREIRA COSTA, PÁG. 54
ESCUA, POR MARIA DE LOURDES PEREIRA COSTA, PÁG. 56
A DERIVA, POR MARIA DE LOURDES PEREIRA COSTA, PÁG. 58
CORPO E MENTE, POR MARILU F QUEIROZ, PÁG. 60
ARTE - REFÚGIO, POR NEYREID MALTAURO, PÁG. 62
ETERNIDADE, POR OLGA MARIA DINIZ PEREIRA, PÁG. 65
EXISTÊNCIA RESUMIDA, POR OLGA MARIA DINIZ PEREIRA, PÁG. 67
SOBRE A HORA DA PARTIDA, POR PAULOROCKCESAR, PÁG. 69
QUANDO TRANSBORDA O PEITO, POR PAULOROCKCESAR, PÁG. 71
O TEMPO E A SAUDADE, POR PEDAGOGA ESCRITORA, PÁG. 73
UM OUTONO INESPERADO, POR POTIARA CREMONESE, PÁG. 75
VII. ILUMINAÇÃO, POR R. SOBREIRO, PÁG. 79
PASSOS NO OUTONO, POR ROBERTO SCHIMA, PÁG. 81
ÁBDITAS PARAGENS, POR SELLMA LUANNY, PÁG. 84
ELE VOLTOU, POR SELLMA LUANNY, PÁG. 86
TEM QUE SER ASSIM, POR SELLMA LUANNY, PÁG. 88
E MAIS UM DIA, POR SELLMA LUANNY, PÁG. 90
CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA COLEÇÃO, PÁG. 92

**ADEMIR PASCALE
ORGANIZADOR**



Poesias ao vento

Vol. XII

"Poesias ao vento são sussurros da alma que dançam no ar, tocando corações distraídos com a leveza de um sentimento eterno."

SELO CONEXÃO LITERATURA



A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Lá onde o vento faz a curva

Por Alexandre C. de J. Nolêto



Nascido em Teresina (PI), formado em Direito com especialização e mestrado na área, já tendo desenvolvido várias profissões jurídicas (Advogado, Delegado, Professor, Defensor Público). É autor das obras Herança Sombria (romance), Tribulação (romance), EM-CONTOS E DESENCANTOS (conto) e participante das publicações das antologias CONTOS, POEMAS E LENDAS, INVICTUS, VAN GOGH, ENTRE LINHAS E SENTIMENTOS, autor do projeto de leitura LER E CRESCER SÃO PASSOS DA MESMA CAMINHADA, atuou como jurado no PRÊMIO PROVERBO DE LITERATURA e é palestrante em diversos eventos.



Eita, saudade de ti e do passado
Do meu eu de coração livre, aberto.
Castanho olho de amêndoa, você ao lado;
Sua mão, a minha, sentimento certo.

Passou-se o tempo, amor talvez
Tenha ficado lá, em terra fincado.
Passou-se, em mim, água à tez
Olho meu alegre, hoje irritado.

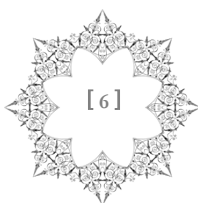
A esperança já no último trem
Tantas idas foram, esperas vindas,
Mas nem em troco a mim assim me vem
À vista do que é de trocas findas.

E se, do embaçado, o claro vem cinza
Todos vários matizes são escuros.
E se o humor do amor é só ranzinza
Partiste do ninho, só ida em futuro.

Não vejo da volta traço mínimo
Nem lá onde o vento faz a curva
Nada é feliz o peito, antes lídimo
Ninguém reencontra, olho vazio turva.

Quanto foi de passado em viver.
Agora troca do bom por prezar rancor
Deixar de ter a si e até deixar de ser
Talvez antes, já era, de pouco sabor.

Reticências sequer restaram do outrora.
Aurora nítida escrevia dois em carnaval.
De alegria à tristeza, ao rápido passar de hora,
E ao dia, crepúsculo; à escrita, ponto-final.





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

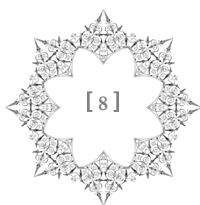
O Mercado

Por Ana Carvalho



Baiana, professora de Literatura e Artes, neurodivergente, avó de João Miguel, adepta das dissidências.

Os meus olhos
Diante da raia sanguínea da tarde
Viram céticos
A pele e o ébano da estatueta exibindo
Uma mãe e menina
Eternizadas num abraço histórico
Elas dividem espaço
Com candelabro antigo
Diante de guichês entre cangas
O Pelourinho de outrora
Rufla tambores onde antes eram ferros
Cenas capitais na capital que ri e chora
Sangra entre alta e baixa
Queima ante uma Baía azul
Sem ferros entre tintas e alambrados
O estóico celebra pouco anarquismo
É um sonho real o tombadilho
Cênico, embora vivo
Quando a diáspora sorri
A pele de ébano que faz
O embrulho de jornal
É
Invisível.





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Resposta Positiva Negativa como era você

Por Ana Chaves

Adotando Brasília, como sua cidade em 1972.

Pedagoga e Facilitadora Cultural, pelo Ministério da Cultura.

Membro permanente da Academia de Belas Artes do Rio Grande do Sul – maio de 2024.

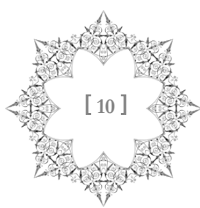
Membro Permanente na AIAB- Academia Inclusiva de Autores Brasiliense – outubro de 2024.

Junho/2025 – Lançamento: Feira do Livro de Brasília, Olhar Especial – Caminhos Inesquecíveis.LC Editorial.

Maio/2016 – Lançamento: Levantei e Andei – Através da Janela. Editora KELPES.



O que fazes você.
O que pensas que pode fazer.
Dizer sim, sempre será sim.
Aceitar o não, só significa que não olhou, através da janela.
Decidiu sozinho, o que era para ser falado, com uma xícara de café.
Ousar, significa que ambos são crescidos.
Fugir, somente é responsabilidade sua.
Quem disse, que estava à procura de certezas.
Quando vai entender, que não pedir para trocar o trono.
Pedir, para dividir somente uma xícara de café.
O mais, você decidiu sem perguntar.
A maior declaração do medo é negar uma xícara de café.
Tomei uma xícara, sentindo descer, confortavelmente na minha garganta.
Foi o melhor café, que saboreei, pois tinha recebido uma negativa, sem combinar nada.



A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Perdido em si mesmo

Por Clodiosvaldo



Lucas é um jovem simples e ingênuo de 23 anos de idade que, apaixonado por filosofia e arte, começou há pouco tempo a escrever seus primeiros poemas, focando nas suas experiências e emoções pessoais acerca dos fenômenos da vida.

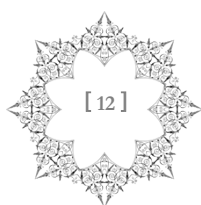
Já faz algum tempo que sinto isso
Um grito pesado em meu peito
Um anseio por algo misterioso
Uma pergunta indeterminada

Quais são as respostas?
Me questionam as paredes lisas
Mas meu coração áspero não as quer
Ele pede pela pergunta

Sou como um peixe nadando contra a correnteza
Talvez fosse melhor seguir o fluxo
Porém, eu sei que também sou a água
E portanto, sou eu perdido em mim mesmo

Mas como faço para acalmar essas marés psíquicas?
Qual o remédio para minha inquietação?
Me diz de uma vez, ser humano!
Me diga o caminho que devo seguir!

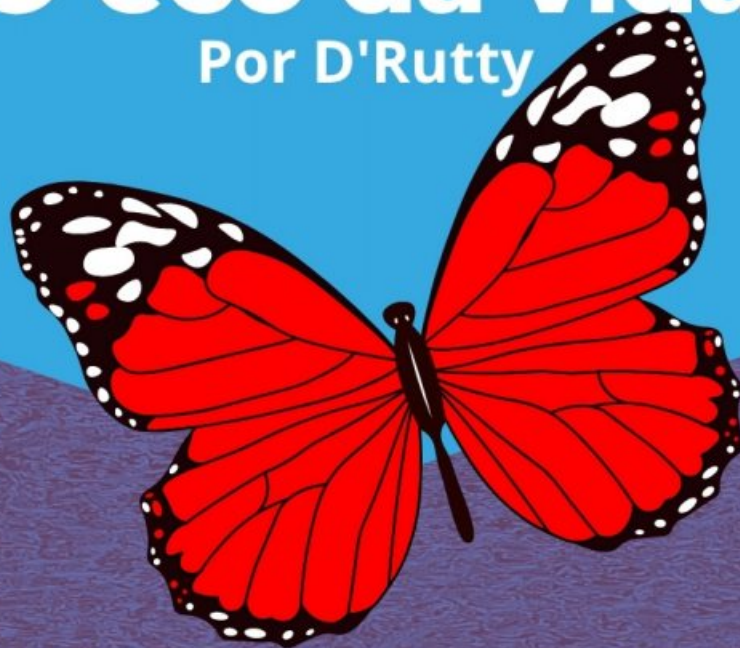
Essa angústia tem me afogado profundamente
E quanto mais fundo, menos vejo os horizontes
E então — em desespero escrevo poesia
Na tentativa de usar as palavras como bóia



A P R E S E N T A M O S O P O E M A

O eco da vida

Por D'Rutty



D'Rutty é o pseudônimo de uma autora brasileira que transforma sentimentos em poesia. Escreve com foco na saudade, no tempo e nas camadas invisíveis da existência. Suas palavras buscam tocar o íntimo de quem lê, como quem acende luz em silêncio. Participa de concursos e projetos literários, e atualmente desenvolve seu primeiro livro: *Notas Perdidas no Tempo – Entre Mim e as Estrelas*. Seus poemas transitam entre o lirismo, a melancolia e a esperança, como cartas enviadas ao universo.



O tempo passou tão rápido e frio
Que nem percebi quando perdi o fio.
Correndo sempre, sem direção,
Esqueci de ouvir meu próprio coração.

Vida... Por que não falaste mais alto comigo?
Segui caminhos sem ter abrigo.
Te vi apenas como estrada e meta,
Mas era presença, amor em oferta.

Colecionei pressas, deixei de sentir,
Troquei momentos por um “porvir”.
E hoje, o que mais me dói no peito
É tudo aquilo que deixei sem jeito.

Estava cego de futuro, surdo do agora,
Com medo do tempo, fugi da aurora.
Vivia esperando o tal “depois” —
Enquanto o presente escorria por nós dois.

Há saudade até do que não vivi,
Do que sonhei, mas nunca permiti.
Domingos vazios, abraços negados,
Sorrisos guardados, gestos calados.

Você me chamava em coisas pequenas:
Na luz da manhã, nas tardes serenas.
Mas eu achava que tinha mais tempo,
E deixei passar os melhores momentos.

No sorriso de quem me amava em silêncio,
Havia um mundo inteiro, denso,
E eu, cego de mim, não reparei —
Que ali estava tudo o que procurei.

Fui ausência dentro do próprio corpo,
Respirei por viver, sem estar por completo.
Agora que o tempo anda mais lento,
Escuto o eco do que era afeto.

A vida oferecia mais do que eu via,
Em detalhes, silêncio e poesia.
Mas eu queria tudo em voz alta —
E não vi que o essencial não falta.

Faltou coragem, sobrou urgência,
Perdi momentos por impaciência.
E nos espaços onde não me encontrei,
Vi que era você quem eu sempre empurrei.

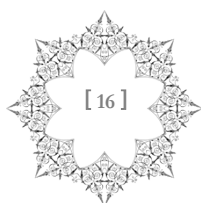
Hoje, sou feito do que não volta,
E de memórias que a alma escolta.
Os arrependimentos não pedem perdão,
Mas fincam raízes no coração.

Mas... Vida, ainda te agradeço,
Por cada dor que virou recomeço.
Por cada lembrança que me faz chorar,
E me ensina, em silêncio, a me perdoar.

Obrigado por ter ficado, mesmo quando fugi,
Por insistir em mim, quando eu não insisti.
Por não me deixar ir embora.
Por ser mais paciente do que fui lá fora.

Entre o fim e a saudade vivida,
Nasceu uma outra forma de vida.
Não encontrei respostas no caminho,
Mas aprendi a seguir mais sozinho.

Se o tempo levou tudo o que era,
Deixou a essência mais sincera.
E mesmo com tudo que me despedi,
Fico em paz... porque senti.





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Garoa

Por Franklin Emmanuel da Silva Mano

"Gestor público, professor multidisciplinar e escritor com quatro livros publicados. Militante pela erradicação do trabalho infantil e causas sociais, fundador do site Franklin Mano (77 milhões de acessos em 18 anos no ar). Doutorando em Ciências da Educação, possui 12 graduações, 30 pós-graduações (especializações) e 2 mestrados. Recebeu títulos honoríficos no Brasil e internacionalmente por suas contribuições culturais e acadêmicas." Biografia completa: <https://www.franklinmano.com/perfil.php>

Senti um baque,
Mas estava de pé.
Vontade de chorar,
Mas sorria em vão.
Não por acaso ali, aqui,
A poesia que sentia,
Mas não entendia.

São cores fortes que irritam os olhos,
Luzes tão intensas
Que a alma já não queria mais não
Acobertar o que o corpo escondia,
Entre sombras, ais e uís, persistia.

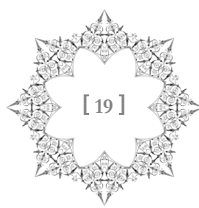
É quase uma existência
A se violar.
Eu nem admitia,
Eu nem renascia,
Eu nem morria,
Eu tropeçava, corria, insistia.
Não tinha paz, mas seguia...

Sobrevivia aos dias,
Nem contava as horas.
Nada era tudo,
Doces ilusões.
Sobrevivia a mil,
Sem exclamações e interrogações.

Sentia e ressentia o que não podia
Não cabia mais em mim.
Enquanto eu explodia,

Eu nem morria, nem renascia,
Lágrimas envernizando cinzas,
Estações na contramão.
Resistia, mas não existia,
Mas seguia, eu ia, eu ia, eu ia, eu ia, eu ia, eu ia, eu ia...

Eu me perguntava em São Caitano,
A todos os Santos,
Para onde ia,
Se não saía,
Nem permanecia,
Não cabia mais em mim.



The top section of the cover features a bright blue sky with stylized white clouds. Five colorful butterflies are scattered across this area: a light blue one, a pink one, a yellow one, a green one, and an orange one. The text 'APRESENTAMOS O POEMA' is written in a yellow, all-caps, sans-serif font.

APRESENTAMOS O POEMA

Poesia

Por Janine Rasador

The middle and bottom sections of the cover have a dark purple, textured background. A large, stylized white circle with a blue center is on the left. Two small yellow circles are on the right. At the bottom, there is a green grassy area with a wooden path leading through small bushes and flowers.

Janine Rasador tem 29 anos de idade, gaúcha de São Marcos, cidadezinha interiorana. Pedagoga de formação, porém não atua na área no momento. Trabalha desde os 13 anos na confecção de roupas da sua mãe Janisce.

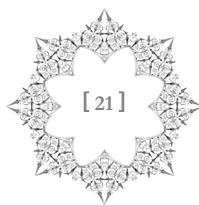
Mãe de três filhos lindos, Vicente de 7 anos e das gêmeas Lorena e Manuela de apenas 6 meses. Entre uma fralda e outra, ela sonha, ela pensa, ela tenta se reencontrar, e a escrita a ajuda nisso.

Apesar de nunca ter focado nesse seu lado escritora, sempre flertou com ele.

As vezes dela me afasto
Por um tempo fico assim, mais distante
Mas quando vejo, em um instante
Pra ela eu retorno

A bichinha me atrai de volta
Acho que gosta da minha companhia
Gosta da minha teimosia
De continuar a procurar encanto, à todo canto que vou
Assim como ela mesma também faz

E nessa relação vamos seguindo
Às vezes indo, as vezes vindo
Mas nunca desistindo
Só sei que poesia é igual menina com laço de fita
A vida com poesia fica mais bonita



A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Varram as agulhas de pinheiro

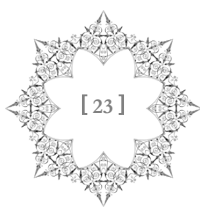
Por Karolina Vállová



Karolina Vállová é professora e jornalista – escreve principalmente sobre música e literatura. Organiza leituras de poesia, exposições de fotografia e diversas ações beneficentes, como, por exemplo, para o grupo tcheco As Cozinheiras sem Abrigo. É fundadora de um coletivo que fotografa ferrugem. Escreve poemas e contos, que publicou em revistas e fanzines. Em 2018 fez um "livro" de poemas com os textos nos papeizinhos dentro de pote de vidro chamado Processo de Conservação.

Os mergulhos mais profundos
nos recifes da alma
não os faço durante o Advento,
mas em janeiro, quando aos poucos
se apagam cometas, velas
e desaparecem as barracas natálicas com soco.
Começo a reorganizar, descartar,
apago números de telefone.
Primeiro com caligrafia elegante,
depois grotescamente escrevo os títulos
no calendário familiar,
que ao longo do ano já não é mais preenchido.
Até as moscas hibernando exigem
tabelas e relatórios de tudo
que não quero mais pensar.
Pagamentos arredondados de atividades
para o segundo semestre e visitas
preventivas sempre adiadas.
No corredor do prédio, por volta
do dia quinze do mês, aparecem caminhos verdes
estalando, e no elevador
arde um aviso ameaçador
preso com restos de fita transparente:

Varram as agulhas de pinheiro!



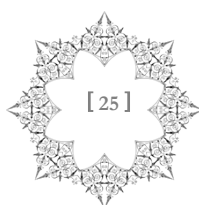
A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Verde pormenorizado

Por Karolina Válová

Karolina Válová é professora e jornalista – escreve principalmente sobre música e literatura. Organiza leituras de poesia, exposições de fotografia e diversas ações beneficentes, como, por exemplo, para o grupo tcheco As Cozinheiras sem Abrigo. É fundadora de um coletivo que fotografa ferrugem. Escreve poemas e contos, que publicou em revistas e fanzines. Em 2018 fez um "livro" de poemas com os textos nos papeizinhos dentro de pote de vidro chamado Processo de Conservação.

Os vegetais de raiz descascados
ainda estavam no ar
quando ela apagou todas as seis fotos.
Ela removeu os e-mails da borda da lixeira com uma espátula.
Com a ideia de espinafre jovem
e ervilhas em vagem
ela descobriu que emergiria das sombras
assim que parasse de se importar,
nos canteiros nivelados.
Na área sem pulverizador,
ela se serviria de um regador.
Com musgo nos cotovelos e joelhos,
ela sentiu o cheiro de grama cortada, j
uncos e madeira cortada
em seu frasco de perfume.
Não procure homens,
mas instituições por trás de tudo.
Uma mensagem batida pela chuva
nos painéis solares,
o único campo cultivado.
Tu podes sentar sem opinião, sem um lanche,
com as unhas pintadas de cor de "hortelã" e
ter certeza de que seu chapéu de lona
ficará molhado mesmo sob uma capa de chuva.





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

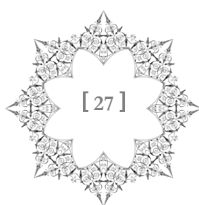
Meia colher de chá de areia

Por Karolina Vállová



Karolina Vállová é professora e jornalista – escreve principalmente sobre música e literatura. Organiza leituras de poesia, exposições de fotografia e diversas ações beneficentes, como, por exemplo, para o grupo tcheco As Cozinheiras sem Abrigo. É fundadora de um coletivo que fotografa ferrugem. Escreve poemas e contos, que publicou em revistas e fanzines. Em 2018 fez um "livro" de poemas com os textos nos papeizinhos dentro de pote de vidro chamado Processo de Conservação.

As ondas altas e espumosas no final do rio
são diferentes daquelas no início do mar.
Mais traiçoeiras, angulares, com uma pitada de sal.
Rastejando contra a corrente,
tossindo água, rompendo os respingos.
Ícones, índices, pictogramas.
Nadando um sinal, ouvindo um pulso barulhento.
Pessoas em cobertores pesam coisas com pedras.
Colocam tubos de creme nos cantos das toalhas.
Assopram seus círculos. Enrolam seus tapetes.
Deliberadamente, não agarram a mão daquele
que deixariam voar.
Guarda-sóis esfarrapados se transformam em
palmeiras de metal instáveis.
Tu nunca conseguirás tirar cerca de meia colher de chá de areia
dos seus sapatos.
O estuário é complicado com a maré.
Da próxima vez, ao contrário, tu tentarás
apenas alcançar a nascente.



A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Alfabetos do dia e da noite

Por Karolina Vállová

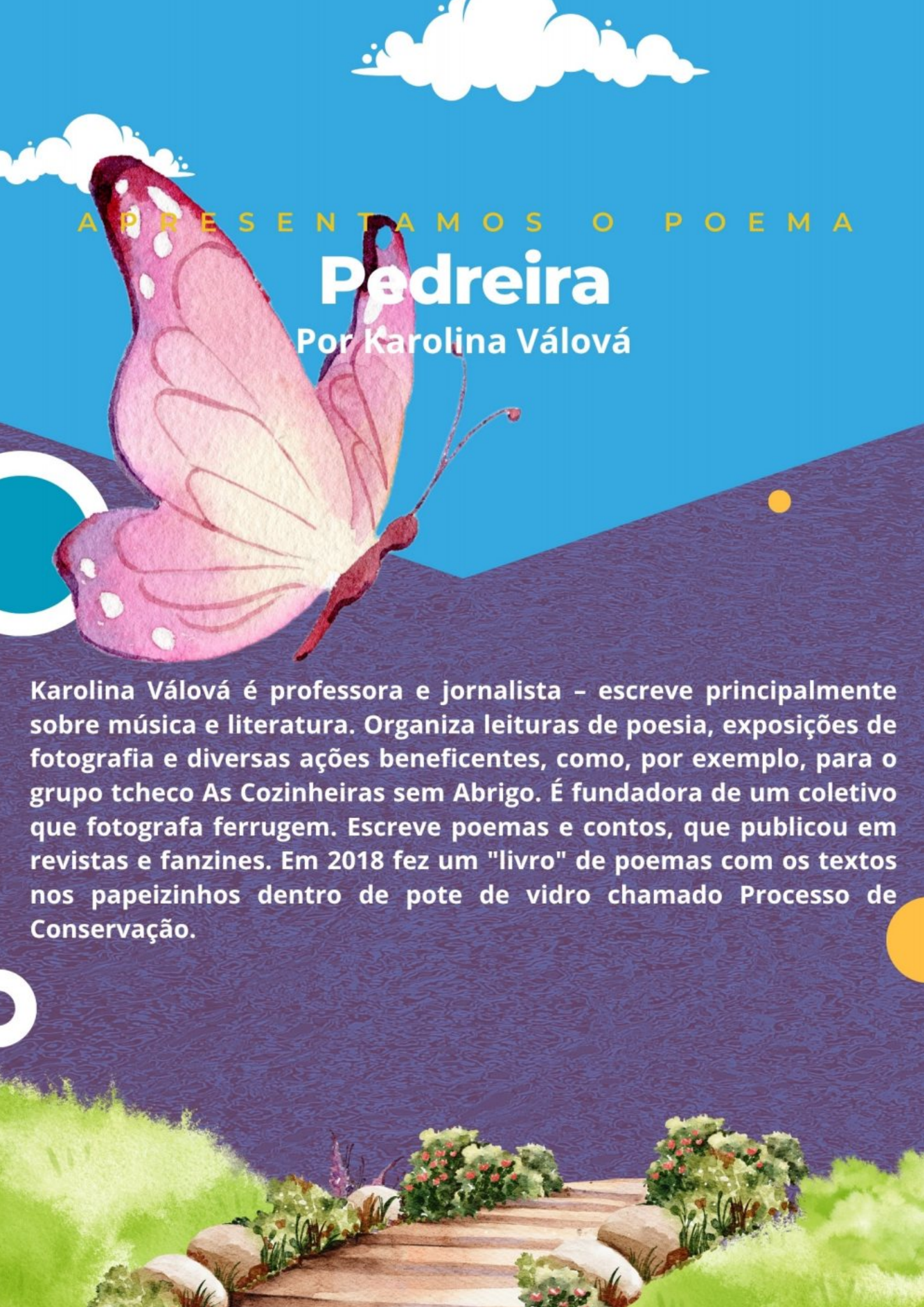


Karolina Vállová é professora e jornalista – escreve principalmente sobre música e literatura. Organiza leituras de poesia, exposições de fotografia e diversas ações beneficentes, como, por exemplo, para o grupo tcheco As Cozinheiras sem Abrigo. É fundadora de um coletivo que fotografa ferrugem. Escreve poemas e contos, que publicou em revistas e fanzines. Em 2018 fez um "livro" de poemas com os textos nos papeizinhos dentro de pote de vidro chamado Processo de Conservação.



O formato das letras importa,
o tamanho tem sido uma questão de disputa há muito tempo.
Dois cremes relacionados que se distinguem apenas pela embalagem D e N,
ou seja, "dia" e "nunca me lembrarei".
A diferença está na estrutura, nas instruções de uso
e na presença de um filtro UV.
À noite, talvez o oxigênio microcircule melhor para as células unicelulares.
Romeu macho alfa.
Betabloqueadores para teste.
Radiação eletromagnética Gama e uma faca.
Distribuição assintótica do método delta do Mekong.
Ele é ao mesmo tempo Ômega 3, o começo e o fim,
aquele que é, que era e que está por vir.
Monograma em um lenço, num copo de plástico com o café,
Tudo como um resumo da identidade.
Abreviações disputadas, marcadores, negação de direitos às vogais.
P.M. = post meridional/mortem, pré-menstrual, posição mudada.





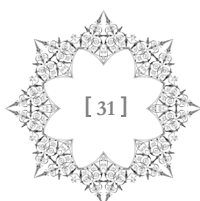
A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Pedreira

Por Karolina Válová

Karolina Válová é professora e jornalista – escreve principalmente sobre música e literatura. Organiza leituras de poesia, exposições de fotografia e diversas ações beneficentes, como, por exemplo, para o grupo tcheco As Cozinheiras sem Abrigo. É fundadora de um coletivo que fotografa ferrugem. Escreve poemas e contos, que publicou em revistas e fanzines. Em 2018 fez um "livro" de poemas com os textos nos papeizinhos dentro de pote de vidro chamado Processo de Conservação.

Desce com cuidado, sombreia com o cotovelo.
Por enquanto, está firme nos joelhos e na voz.
Nos anos sessenta
o tio da amiga foi aqui mestre em explosivos.
A pedra não é extraída, é detonada.
Abaixo de nós, uma área inundada,
de um lado dá para saltar.
A profundidade permite até um salto mortal.
Fatias de berinjela com marinada
sobre pedra vulcânica.
Fontes Candara e Garamond na lápide.
Placas comemorativas, calçamento da praça, escadas da escola.
Sempre cresciam amoras ali, ela lembra,
a sirene nos expulsou, o galão caiu no fosso.
Nenhum trilho, tudo era levado por caminhões.
A pedra onde se senta esfria.
As bétulas se curvam até a superfície da água.
Não olhes diretamente para o sol.
Cubra os olhos com o cotovelo — e salta!





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Você é o Sol

Por Lia



Marilia Elias é cientista da saúde com sete anos de experiência em Pesquisa e Desenvolvimento. Mestranda em Oncologia pelo Hospital de Câncer de Barretos, atua como Consultora Técnica no Ministério da Saúde. É especialista em Projetos e Análises Clínicas. Desde a juventude, encontrou na arte um refúgio e expressão, escrevendo poesias e cantando. Participou do coral do Hospital de Barretos e de projetos de extensão voltados à popularização da ciência. Acredita que ciência e arte sempre caminharam juntas em sua trajetória, como pontes entre razão e sentimento.

Você é o sol.

Sua luz me alcança e acalma,
Seu sorriso aquece minha alma,
Seu olhar me leva além da calma.

Você é o sol.

Tem brilho que não se disfarça,
E presença que, mesmo ausente, abraça.

Você é o sol.

Desperta o que há de mais bonito em mim,
Com você, os dias não têm fim.

Você é o sol.

Brilha mesmo sem intenção,
Toca fundo, sem explicação,
E faz do meu peito canção.

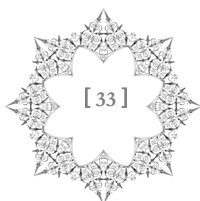
Você é o sol.

Desde o primeiro instante, eu vi,
Sua alegria refletiu em mim.

Você é a leveza dos meus dias,
A euforia nas minhas melodias.

Enfim, você é a luz

Em formato de poesia.



A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Fragmentos de um caos doce

Por Maju Doria



Maria Júlia da Silva Doria, conhecida como Maju Doria, é uma autora apaixonada por poesia e escrita reflexiva. Gosta de explorar temas profundos, como emoções humanas, conflitos internos e o caos da existência. Maju escreve para se expressar e se entender, encontrando nos versos um espaço seguro para suas inquietações.

Sou o eco de mim mesma,
um sussurro esquecido num quarto vazio.
Sou as palavras que não disse,
os gritos que engoli,
as lágrimas que não deixei cair.

Sou o intervalo entre um sorriso e um abismo,
a pausa longa entre o querer e o temer.
Carrego nos bolsos cacos de mim,
lembranças desbotadas,
promessas que nunca existiram.

O tempo me mastiga devagar,
com dentes de relógio enferrujado.
Sou um compasso quebrado,
uma música que desafina no refrão.

Ando tropeçando em pensamentos tortos,
abraçando fantasmas com nomes que esqueci.
Vivo entre as rachaduras das horas,
onde a poeira dança e o silêncio grita.

Escrevo para me costurar,
para colar pedaços soltos,
mas cada verso me parte,
cada estrofe me sangra.

Minha alma é um labirinto mal desenhado,
com saídas falsas e paredes de vidro.
Vejo tudo, mas não toco.
Sinto tudo, mas não entendo.

As vozes na minha cabeça fazem assembleia.
Elas discutem, elas brigam,
elas me sabotam em voz baixa.
Às vezes me elogiam,
mas não confio.

Tenho sede de mim,
fome de um abraço que nunca chegou.
Minha pele pede colo,
mas meus espinhos afastam os corajosos.

Talvez eu seja feita de desencontros,
de horários errados e mapas queimados.
Talvez eu não seja para ser entendida.

Mordo palavras, mastigo medos,
engulo saudades com gosto de mel.
Cada passo que dou afunda um pouco mais,
como quem pisa em lama e afunda sorrindo.

Sou uma poesia mal escrita,
com rasuras e pontuações jogadas.
Sou um rascunho de mim,
mas finjo ser versão final.

Falo sozinha,
porque às vezes sou a única que me escuta.
Me desdobro em mil para caber nos espaços dos outros,
mas esqueço de mim no canto.

As paredes do meu quarto me conhecem,
sabem meus diálogos internos,
meus pactos secretos comigo mesma.

O espelho cansou de me ver tentar,
me observa calado,
torcendo para que eu me reconheça um dia.

Sou um pouco tempestade,
um pouco calma de mentira.
Acordo querendo fugir de mim,
mas a mochila que carrego é feita de mim mesma.

Visto sorrisos costurados com linhas frágeis,
ando por aí com passos pesados,
tentando parecer leve.

Me perco em devaneios,
viro morada de lembranças que não sei expulsar.

Coleciono despedidas,
como quem guarda ingressos de shows antigos.
Coleciono silêncios,
como quem guarda cartas que nunca foram enviadas.

Meu corpo cansa, minha mente berra.
Me escondo em palavras porque a vida me assusta.
Crio mundos em folhas de papel,
porque o meu parece pequeno demais.

Me reinvento a cada noite,
mas amanhã sempre igual.
Os poemas me atravessam,
me arranham, me moldam.

Sou feito de excessos,

mas transbordo no vazio.

Procuro abrigo em braços que não me cabem,
e me encaixo em olhares que não me veem.

Choro escondido nos versos,
sorrio rasgado nas rimas.

Talvez eu seja um borrão bonito,
ou talvez apenas um borrão.

Meus sonhos tropeçam em pedras que eu mesma coloquei,
e minhas mãos tremem ao tentar me reconstruir.

Sou um pouco de tudo,
mas muito de quase nada.

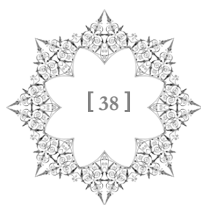
Aprendi a me amar nas brechas,
a me entender nas falhas.
Aceitei que sou cicatriz aberta,
ferida que sabe dançar.

O caos me habita,
mas é um caos doce,
que escreve poesia com a ponta dos dedos feridos.

Sou um livro sem fim,
uma história sem ponto final.

Me leio, me escrevo, me esqueço.

Mas continuo aqui,
entre o que fui e o que estou tentando ser.





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Reflexões de uma psicóloga

Por Marcia Regina Nogochole Boneti



Marcia Regina Nogochole Boneti, nascida em São José dos Pinhais – PR, é Pedagoga e Psicóloga, atua há 40 anos na área educacional. É amante dos livros, paisagens bucólicas, mar e montanhas.

Temas recorrentes em suas escritas, são: o amor, a amizade, o tempo, as flores, a morte, a saudade, entre outro(a)s.



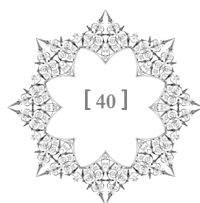
À ti
Que em mim confia
E, me participa
Tua dor...

À ti
Que como uma flor
Abre e revela
A beleza.

À ti
Que me inspira
Abre horizontes
Num caminho
Infinito
De buscas,
Crenças,
Esperanças...

À ti
Que entre sonhos e realidade
Entre opostos contrapostos
Em movimentos contínuos dialógicos
Se compreende
Renasce e se educa.

A ti,
Dedico minhas horas
De estudo,
Minhas forças,
Meu caminho profissional.





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Oração do cavalo

Por Marcia Regina Nogochale Boneti



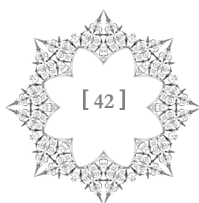
Marcia Regina Nogochale Boneti, nascida em São José dos Pinhais – PR, é Pedagoga e Psicóloga, atua há 40 anos na área educacional. É amante dos livros, paisagens bucólicas, mar e montanhas.

Temas recorrentes em suas escritas, são: o amor, a amizade, o tempo, as flores, a morte, a saudade, entre outro(a)s.



Senhor,
Não sou rico, nem bonito.
E, também não sou de ficar,
Pedindo tudo para os outros.
Mas, este pedido, Senhor.
É muito delicado.
Pela égua branca estou gamado
E hoje é o dia da corrida.
Preciso correr muito,
Preciso vencer.
Só vencendo a corrida conquistarei,
A preciosa que sempre desejei.
A égua branca me disse,
Que sou mais lento que tartaruga.
Preciso provar o contrário.
Por isso conto com sua Ajuda.
Prometo que peço para alguém levar,
Um buquê de flores
Para enfeitar, da Igreja, o altar.

(Trabalho escolar, feito em 1981, quando cursava a oitava série do Ensino de 1º Grau, por incentivo da Professora Maria José, minha inesquecível professora de Língua Portuguesa).



A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Lyz

Por Marcia Regina Nogochole Boneti



Marcia Regina Nogochole Boneti, nascida em São José dos Pinhais – PR, é Pedagoga e Psicóloga, atua há 40 anos na área educacional. É amante dos livros, paisagens bucólicas, mar e montanhas.

Temas recorrentes em suas escritas, são: o amor, a amizade, o tempo, as flores, a morte, a saudade, entre outro(a)s.

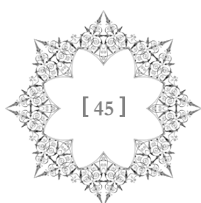
Mulher pequenina,
Pequenina no nome,
Pequenina na altura,
A conheci, enamorada
Simples, como flor do campo.

Mulher pequenina,
Pequenina no nome,
Pequenina na altura,
A vi desposar-se tal qual princesa
Em vestido branco e véu rastejante
Como espumas das ondas do mar.

Mulher pequenina,
Pequenina no nome,
Pequenina na altura,
A vi, olhos fixos no horizonte,
Olhar preocupado pelo
Filho doente, nos braços.

Mulher pequenina,
Pequenina no nome,
Pequenina na altura,
A vi, corpo inchado, ventre volumoso,
Sorriso nos lábios,
Pensando na filhinha que estava para nascer.
Mulher pequenina
Pequenina no nome,
Pequenina na altura,
A vi, apreensiva,
Questionando sua posição,
De esposa e mãe.

Mulher pequenina,
Capaz de romper barreiras,
Lutar como leoa,
Pequenina.
Pequenina no nome,
Pequenina no tamanho,
Porém, enorme
Em sua Dedicação
Atenta, iluminada e gigante
Como um Girassol!



A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Neuroses

Por Marcia Regina Nogochale Boneti



Marcia Regina Nogochale Boneti, nascida em São José dos Pinhais – PR, é Pedagoga e Psicóloga, atua há 40 anos na área educacional. É amante dos livros, paisagens bucólicas, mar e montanhas.

Temas recorrentes em suas escritas, são: o amor, a amizade, o tempo, as flores, a morte, a saudade, entre outro(a)s.

Figuras

Que pululam,

Imagens remotas

Que transitam

Na mente.

Fantasmas

Que insistem

Em permanecerem

Encantados.

Transformam-se

Em quimeras.

São fortes e vibrantes.

Esbanjam energia

Como antes

No pensamento

Daquele que lhes dá morada.

O sujeito, por sua vez.

Permanece vazio,

Como casa abandonada.

Chora nas noites,

Vaga de dia,

Faz da vida,

Um todo irreal,

Sobrevive,

De um nada,

Real.





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Retrato da realidade

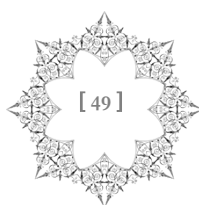
Por Marcia Regina Nogochole Boneti



Marcia Regina Nogochole Boneti, nascida em São José dos Pinhais – PR, é Pedagoga e Psicóloga, atua há 40 anos na área educacional. É amante dos livros, paisagens bucólicas, mar e montanhas.

Temas recorrentes em suas escritas, são: o amor, a amizade, o tempo, as flores, a morte, a saudade, entre outro(a)s.

Bruxismo,
Insônia,
Pesadelos loucos,
Choro abafado,
Respiração sufocada,
Corpo arroxeadado,
Rosto sem vida,
Nem esperança,
No olhar daquela criança,
Vítima da violência
Do Pai,
Do nervosismo da mãe,
Do descaso da sociedade,
Para com a família.



A P R E S E N T A M O S O P O E M A

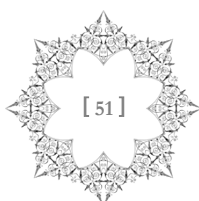
Vida

Por Maria de Lourdes Pereira Costa



Maria de Lourdes Pereira Costa é Psicóloga Clínica com mais de 30 anos de experiência na área de Saúde Mental. Graduou-se em Psicologia e é mestre em Ciências da Saúde pela Universidade Federal de Uberlândia. Sua prática profissional é marcada pela escuta qualificada, pelo cuidado ético e por um olhar integrativo sobre os processos emocionais e subjetivos. Além da atuação clínica mantém uma relação constante com a escrita como ferramenta terapêutica e reflexiva. Acredita que a escrita pode ser um instrumento terapêutico, capaz de organizar sentimentos, ampliar o autoconhecimento e facilitar a expressão emocional. Escrever é passar a limpo os sentimentos, é traduzir o que o mundo sussurra em emoções.

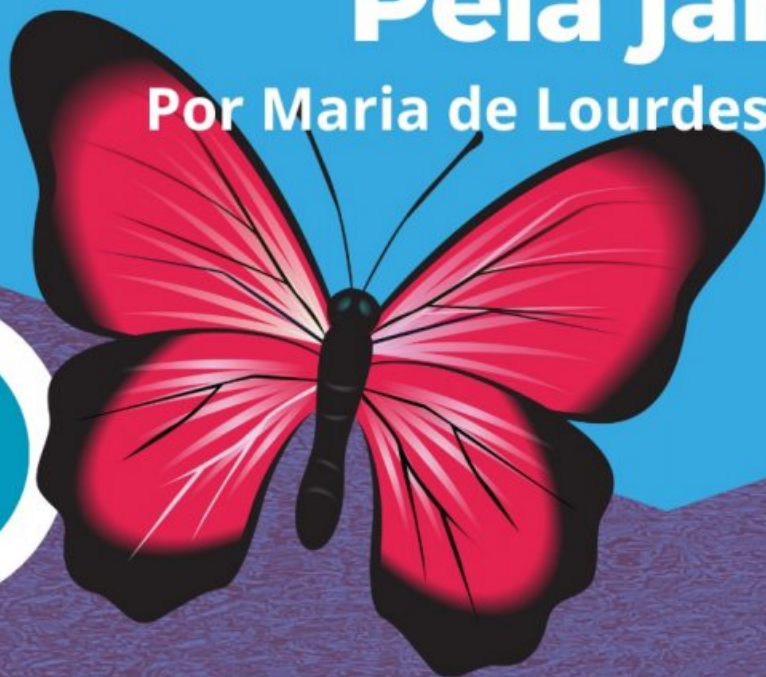
Viver para o outro,
Em função de muitos outros.
Onde estou?
Por qual fresta espio a vida?
O que tem no lugar do meu desejo
Que há muito deixou de desejar?
Tem o sorriso torto,
A lágrima escondida,
E os sonhos
Que ficaram para depois!
No faz de conta
De que tudo está no lugar,
Meu mundo vai sendo assoreado
Pelo tempo implacável
Que passa por mim...
Levando a parca esperança
das coisas se ajeitarem!
Sigo em frente
Sorriso amargo
Disfarço a dor
No desalento de dias vazios
E noites intermináveis
Vou deixando para depois
Os desejos efêmeros que ainda pulsam em mim!



A P R E S E N T A M O S O P O E M A

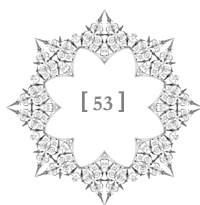
Pela janela

Por Maria de Lourdes Pereira Costa



Maria de Lourdes Pereira Costa é Psicóloga Clínica com mais de 30 anos de experiência na área de Saúde Mental. Graduiu-se em Psicologia e é mestre em Ciências da Saúde pela Universidade Federal de Uberlândia. Sua prática profissional é marcada pela escuta qualificada, pelo cuidado ético e por um olhar integrativo sobre os processos emocionais e subjetivos. Além da atuação clínica mantém uma relação constante com a escrita como ferramenta terapêutica e reflexiva. Acredita que a escrita pode ser um instrumento terapêutico, capaz de organizar sentimentos, ampliar o autoconhecimento e facilitar a expressão emocional. Escrever é passar a limpo os sentimentos, é traduzir o que o mundo sussurra em emoções.

Passo ligeiro pois tenho pressa de voltar pra casa após um longo dia de trabalho
Enquanto espero o semáforo abrir
Vejo no gramado da praça um casal, mal vestidos, cabelos desalinhados
A mãe com uma criança de colo...
Não parece terem pressa,
Pertences e sacolas espalhadas
Não parece terem casa para onde voltar...
Eu me inquieto...de onde são...para onde vão?
E quando anoitecer?
E se fizer frio?
E se chover?
Não encontro respostas
Para as perguntas que continuam ecoando
Uma atrás da outra
Que mundo é esse que fazem parte?
Sem teto,
Sem rumo...
Eu sem respostas...
Turbilhão de sentimentos
Meu cansaço torna-se pequeno
Minhas noites escuras tornam-se insignificantes
Diante da falta de tudo que está bem ali,
Bem próximo.
Sinal verde,
Sigo meu caminho,
Agora sem pressa....
Apesar de apenas observar
Agora sinto o peso de não fazer nada pelo meu próximo
Mas por um momento estive com eles sentado na grama...
Me sentindo mal por ter o que eles não têm
Me sentindo bem por simplesmente me imaginar ali como eles...
me pareceram corajosos em busca de um mundo melhor!



A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Envelhecer

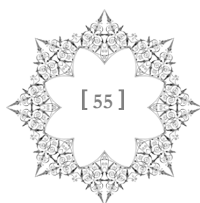
Por Maria de Lourdes Pereira Costa



Maria de Lourdes Pereira Costa é Psicóloga Clínica com mais de 30 anos de experiência na área de Saúde Mental. Graduiu-se em Psicologia e é mestre em Ciências da Saúde pela Universidade Federal de Uberlândia. Sua prática profissional é marcada pela escuta qualificada, pelo cuidado ético e por um olhar integrativo sobre os processos emocionais e subjetivos. Além da atuação clínica mantém uma relação constante com a escrita como ferramenta terapêutica e reflexiva. Acredita que a escrita pode ser um instrumento terapêutico, capaz de organizar sentimentos, ampliar o autoconhecimento e facilitar a expressão emocional. Escrever é passar a limpo os sentimentos, é traduzir o que o mundo sussurra em emoções.



Vou domando a fera que ainda mora em mim
Colocando sorriso onde cabe,
Apagando o fogo da juventude que já não cabe.
Não mais esperando as fases mudarem.
Espreitando o que de ruim está por vir.
Tempo que passa ligeiro levando pessoas para longe,
Silenciando sorrisos,
Encurtando abraços.
Noites e dias que se seguem ritmados com a solidão.
Pela janela vejo a vida que flui
Aqui a vida espera o fim
Que seja tranquila a passagem
Onde eu possa deixar pra trás
Tudo que pesa em mim
E apenas ir em paz!



A P R E S E N T A M O S O P O E M A

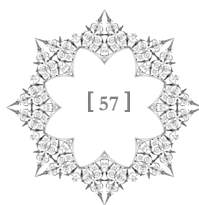
Escuta

Por Maria de Lourdes Pereira Costa



Maria de Lourdes Pereira Costa é Psicóloga Clínica com mais de 30 anos de experiência na área de Saúde Mental. Graduou-se em Psicologia e é mestre em Ciências da Saúde pela Universidade Federal de Uberlândia. Sua prática profissional é marcada pela escuta qualificada, pelo cuidado ético e por um olhar integrativo sobre os processos emocionais e subjetivos. Além da atuação clínica mantém uma relação constante com a escrita como ferramenta terapêutica e reflexiva. Acredita que a escrita pode ser um instrumento terapêutico, capaz de organizar sentimentos, ampliar o autoconhecimento e facilitar a expressão emocional. Escrever é passar a limpo os sentimentos, é traduzir o que o mundo sussurra em emoções.

Do lado de cá escuta-se a dor
Do lado de lá vive-se a dor
Será?
A dor do outro te toca
Se mistura
Se separa
Te move
Movimenta o outro em busca
De sentidos
De ressignificados
De ser resiliente
E nessa parceria complementar
Novas histórias são construídas
Vidas que se entrelaçam
e se separam
Fortalecidos cada um pelo encontro
No momento da dor!





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

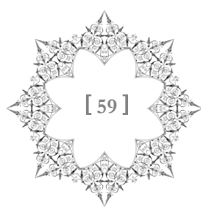
A deriva

Por Maria de Lourdes Pereira Costa



Maria de Lourdes Pereira Costa é Psicóloga Clínica com mais de 30 anos de experiência na área de Saúde Mental. Graduou-se em Psicologia e é mestre em Ciências da Saúde pela Universidade Federal de Uberlândia. Sua prática profissional é marcada pela escuta qualificada, pelo cuidado ético e por um olhar integrativo sobre os processos emocionais e subjetivos. Além da atuação clínica mantém uma relação constante com a escrita como ferramenta terapêutica e reflexiva. Acredita que a escrita pode ser um instrumento terapêutico, capaz de organizar sentimentos, ampliar o autoconhecimento e facilitar a expressão emocional. Escrever é passar a limpo os sentimentos, é traduzir o que o mundo sussurra em emoções.

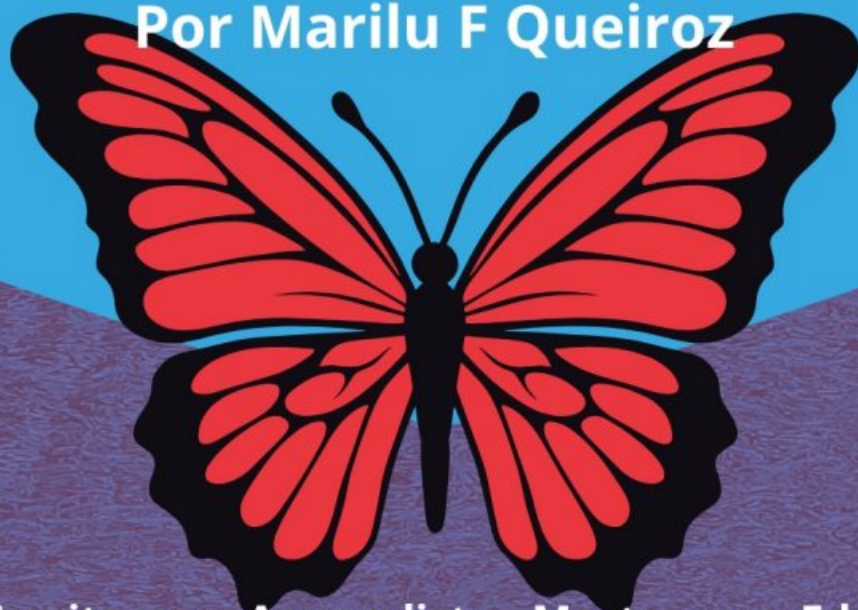
Ando a deriva de mim mesmo
Pela noite adentro na minha solidão.
Minha bússola interna há muito desativei.
Não quero ir a lugar nenhum,
Não quero me conectar para não me machucar.
Do outro quero distância,
As relações conturbadas me ferem
Não quero me ferir e nem ferir ninguém!
Quero apenas ir sem rumo,
Anestesiando meus sentimentos.
E quando emergiram,
Novamente anestesiando para não sentir nada!
Nem amor
E nem dor!
Seguir nesse caminho sem fim
Que nunca se sabe quando termina.
E quando terminar...
Estava na hora
E como demora!!!



A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Corpo e mente

Por Marilu F Queiroz



Publicitária, Escritora e Aquarelista. Mestre em Educação, Arte e História da Cultura pela Universidade Mackenzie/SP.

Assoc. REBRA - Rede de Escritoras Brasileiras. Livro de contos, didático e dissertação sobre arte.

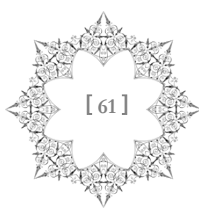
Textos em antologias e revistas eletrônicas- Brasil, Alemanha, EUA, França, Itália, Portugal e Suíça.

Meu corpo e mente são fragmentos
Esvaídos, que me induzem a decisões,
reflexos contidos em meus sentimentos...
Acalentados pelo sabor de ilusões.

Meu corpo e mente, estarecidos...
Simplificam necessidades efêmeras,
Despejam no ar certas divergências,
Que juntas me deixam emudecido.

Meu corpo e mente, tão sonhadores...
Perfazem o longo caminho eloquente,
Dos meus doces sonhos, cujo desvio
É longo, espinhoso e inconsequente!

Enfim, meu corpo e mente, juntos...
Mostram a subjetividade da vida inteira.
Perfaz a estrada que me é oferecida,
Encharcada de uma paz, tão sorrateira!



A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Arte – Refúgio

Por Neyreid Maltauro

Neyreid Maltauro, natural de Itanhandu -MG, professora de História, com especializações em cinco áreas da educação. É autora apaixonada por palavras que resgatam memórias e sentimentos. Acredita na literatura como ponte entre tempos, pessoas e mundos.

Há amores
que atravessam muros,
costuram cicatrizes,
desafiam leis, olhos e dogmas.

Chamam-nos, com doçura trágica,
de *amores proibidos*.

Encontram,
na arte,
abrigo e salvação.

Romeu e Julieta,
na contramão do ódio,
ousaram amar entre espadas,
entre nomes que se negavam.

Há amores onde
o tempo entre os corpos
provoca espanto,
e a idade vira fronteira.

Outros,
em que um dos corações —
ou ambos —
já tem dono,
mas ainda pulsa por outro nome.

Há também
os que se cruzam entre classes,
onde o amor tropeça em degraus invisíveis
de um mundo dividido em posses.

Amores julgados,
silenciados,
por se darem entre iguais.

Amores que desafiam a norma,
e por isso sangram.

E o mais solitário de todos:
o amor que não é.

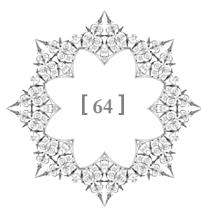
Que vive só em um peito,
e sonha sozinho.

Platônico,
ferida sem pele,
espera sem resposta.

Todos esses amores
carregam o peso
daquilo que não pode ser dito,
tocado, vivido.

Mas na arte —
no traço, no som, no verso —
eles respiram,
se declaram,
se libertam.

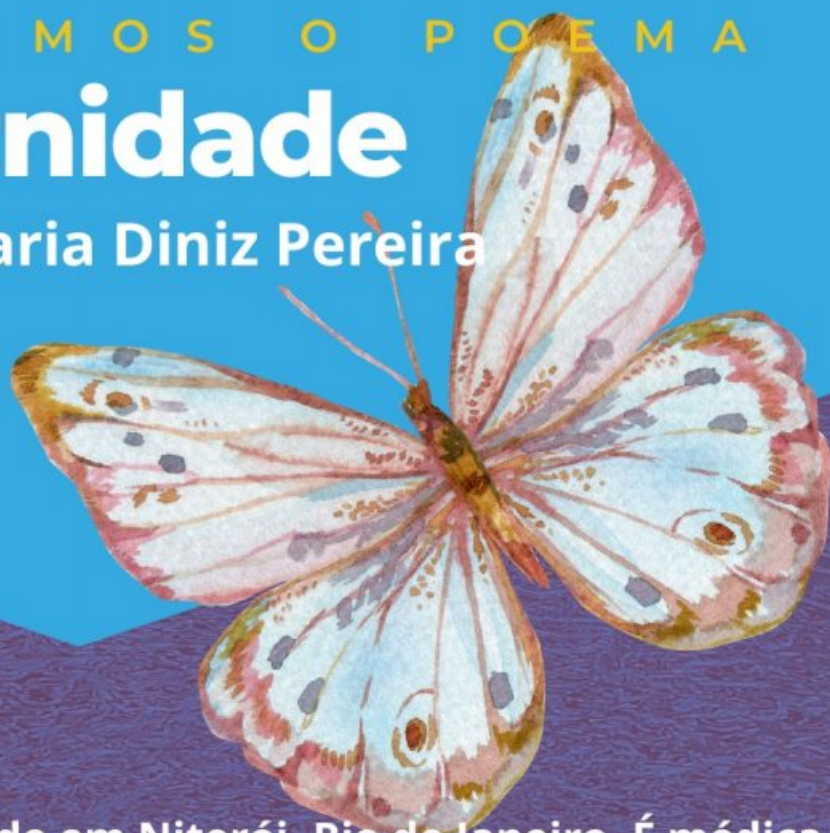
Viva a arte.
Ela é refúgio
para os amores que o mundo cala,
e abrigo
para os que o mundo expulsa.



A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Eternidade

Por Olga Maria Diniz Pereira



O.P. tem 62 anos, nasceu e reside em Niterói, Rio de Janeiro. É médica e professora universitária aposentada. Divorciada e com dois filhos, adora ler e viajar.



Quando tudo for silêncio,
Nada mais que silêncio,
Não importa se alegre ou triste,
Mas silêncio.

Quando a última chama
Tiver se apagado num último sopro,
Não importa se fortes ou fracos,
Mas chama e sopro.

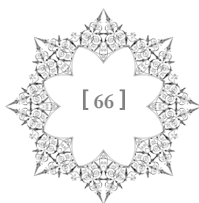
Quando a maior emoção já não for capaz
De tocar tão fundo como um dia...
E a luz divina tiver se ocultado
Na penumbra dos olhos.

Quando todos os sonhos
Já não forem mais fortes que a razão,
E os ideais já adormecidos, acalentados
Ou esquecidos pelo tempo.

Quando na última lágrima
Tiver se afogado
A última palavra,
Que era um adeus...

E já não houver mais
Lembranças do ontem,
Certeza do hoje,
Ou esperança no amanhã.

Não sei se serei lembrança,
Se serei memória, se serei saudade...
Mas terei, enfim, a paz
Na ilusão da eternidade.



A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Existência Resumida

Por Olga Maria Diniz Pereira



O.P. tem 62 anos, nasceu e reside em Niterói, Rio de Janeiro. É médica e professora universitária aposentada. Divorciada e com dois filhos, adora ler e viajar.

Hoje quero vencer minhas próprias distâncias,
Caminhar milhas dentro de mim mesma,
E encontrar, me encontrando,
Um lugar seguro onde ficar.

Quero buscar as palavras perdidas no silêncio
De tantos anos mudos.
E libertar os gritos trancados, sufocados, engasgados,
Gritos tão antigos que até o tempo esqueceu.

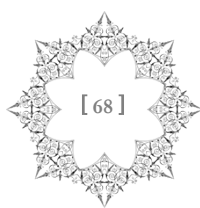
Quero a pureza dos olhares fundos,
Dos sorrisos limpos, das almas não vendidas.
E a força única do sonho que nos torna livres
Para criar um mundo que nunca foi.

Quero a coragem de ser covarde,
De dizer que tenho medo,
E de deixar correr as lágrimas que tornam distorcidas
As imagens que não quero ver.

Quero a inconsciência das noites de boemia,
Dos passos incertos
E das vozes roucas
A cantar, a cantar e cantar...

Quero o voo eterno do pensamento
Atingindo alturas, alcançando estrelas, encontrando Deus.
E a presença mágica de alguém com quem buscar
A grandeza de ser gente e a ilusão de ser feliz.

Amanhã, talvez, já não haja tempo para mais nada.
O corpo convertido a pó,
A alma peregrina errante,
Mas a certeza indestrutível de que existi.





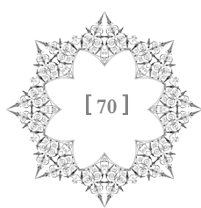
A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Sobre a hora da partida

Por PauloRockCesar

Sou Paulo Cesar Souza de Espíndola, nasci 1988 na cidade de São Paulo no bairro da vila maria, escrevo poesia desdo quatorze anos, quando ainda na escola descobrir essa paixão pelos livros e pela literatura.

Queria ser Drumond mais não tive Andrade,
E a vida quis assim com machado de Assis me clarice-ficou, lá se foram meus Gonçalves
Dias, não voltarei a ser um Manoel de Barros, não ouvirei mais Mario Quintana não chorei
Cora Coralina, nem plantarei Noel Rosa.
Minha Cartola ficara de canto,
Talvez, eu não tenha sido nem mesmo um Fernando Pessoa.
E que culpa tem Meireles, se eu me esqueci de me Cazuzezificar, não me Raultifiquei o
suficiente, em fim só palavras.
E foram sempre as não ditas que o matou.
O coração que já não bate na mesma frequência vive um soneto gelado da alma
A voz que recitava esperança não se ouve um simples lamento. E de longe ao vela
Há lágrimas que sufoca a garganta
sem ar
Porque sorrir com os olhos para quem se ama também era poema e um adeus.





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

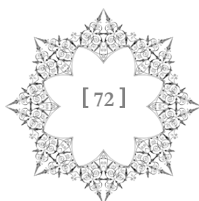
Quando transborda o peito

Por PauloRockCesar



Sou Paulo Cesar Souza de Espíndola, nasci 1988 na cidade de São Paulo no bairro da vila maria, escrevo poesia desdo quatorze anos, quando ainda na escola descobrir essa paixão pelos livros e pela literatura.

Entre todas as coisas que me arranha olhos
A saudade é a que mas fere
Pois todas as lembranças
São lágrimas secas
Mesmo a saudade trazendo sorriso ao peito.
É difícil esconder.
As vezes fico pensando o porquê de tanto saudade, de tanto sofrer.
O porquê desse sentimento
Que ao mesmo tempo que aquece,
também sufoca.
No sei como falar em saudade e não lembrar de tudo que é triste.
Saudades do que se foi, e do que ainda estava por vir, me perco por todos sentidos do
meu velho ser,
Em cada verso, letra e música.
Por cada som
Cada filme ou cena na TV.
Em cada dia ou ato de felicidade e compaixão.
as vezes tudo que queremos é compartilhar com o outro.
Um ato simples, em se apoiar.
Com todas as mudanças que a vida traz,
Amigos e amores partem deixando somente um buraco onde a saudade transborda.
Fixamos nossas vidas em metas e construção, esquecendo o essencial que é viver e
compartilhar com próximo
Uma existência onde tudo vira saudade acaba por si só, sendo inválida e
quando o final da vida chega, acaba que até mesmo a saudades deixa de existir, por não
ter mais ninguém de quem sentir,
Então nos vemos sozinhos,
E quando não temos ninguém para sentir saudades da agente é como não tivéssemos
existido,
Por enquanto aqui a saudade ainda pulsa
E a quela velha necessidade de olhar a Lua sendo pra sorrir ou pra chorar.
Para que doce saudade não deixe de voltar.





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

O tempo e a saudade

Por Pedagoga Escritora



Me chamo Tatiane Veiga e acadêmica do curso de Pedagogia. Sinto apreço pela leitura e pela escrita, e desfruto desse conhecimento para o meu processo de aprendizagem como futura Pedagoga.

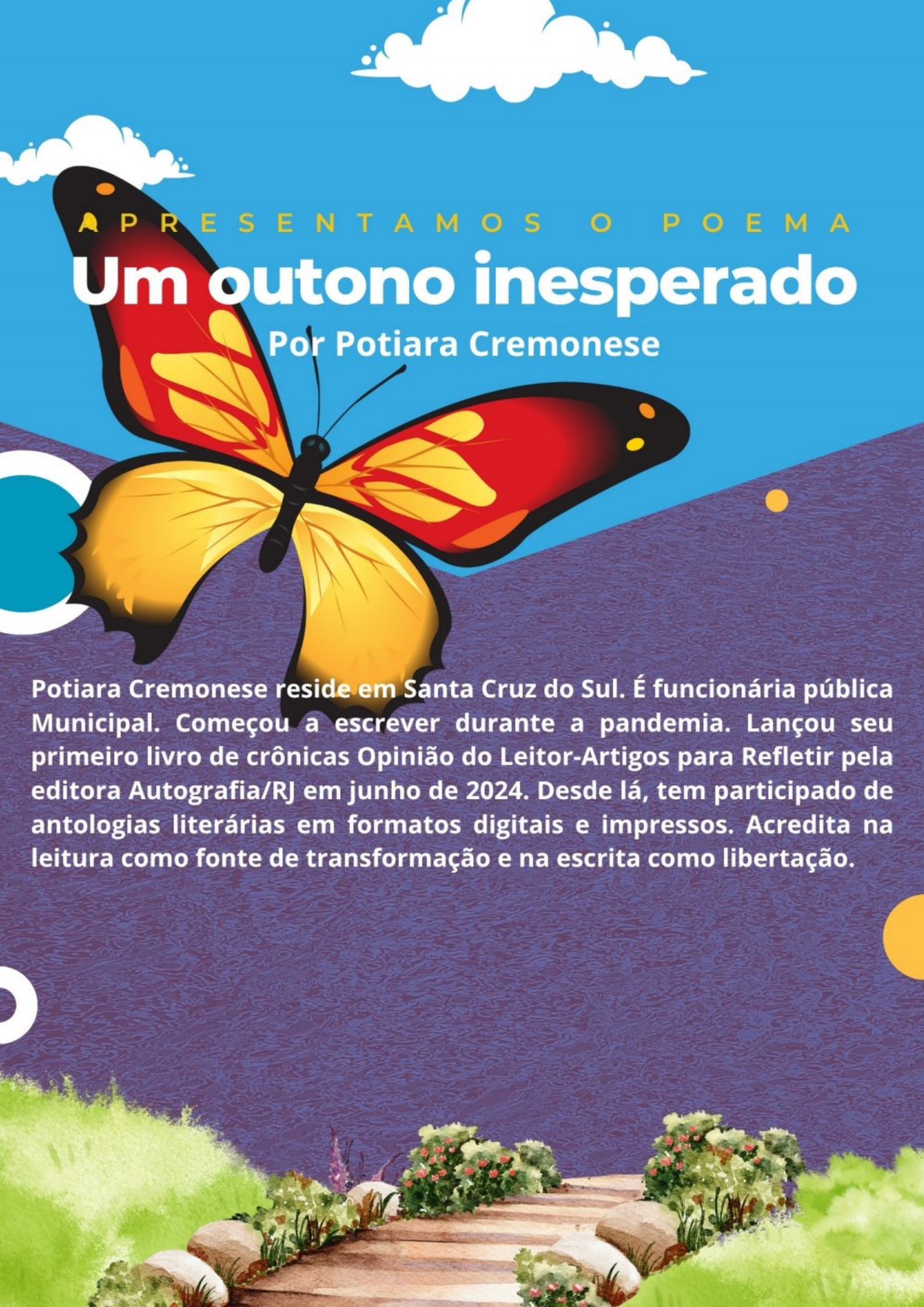
O tempo escorre lento, feito areia no vão,
Carrega memórias, sussurra no coração.
Cada instante vivido, um eco a ressoar,
Na dança da vida, difícil de apagar.

A saudade é ponte entre ontem e agora,
Um suspiro profundo que nunca vai embora.
É chama que arde, e doce melancolia,
Que pinta de cores a alma vazia.

O relógio avança, sem nunca esperar,
Mas a saudade insiste em sempre ficar.
No tempo que passa, no silêncio que fica,
É lembrança viva, é dor que não se explica.

E assim seguimos, entre o ontem e o amanhã,
Com o tempo a ensinar e a saudade a nos guiar.
Pois viver é sentir, é amar e lembrar,
No eterno compasso que o tempo quer marcar.





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Um outono inesperado

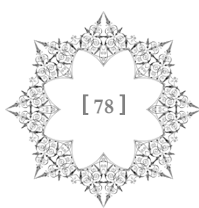
Por Potiara Cremonese

Potiara Cremonese reside em Santa Cruz do Sul. É funcionária pública Municipal. Começou a escrever durante a pandemia. Lançou seu primeiro livro de crônicas Opinião do Leitor-Artigos para Refletir pela editora Autografia/RJ em junho de 2024. Desde lá, tem participado de antologias literárias em formatos digitais e impressos. Acredita na leitura como fonte de transformação e na escrita como libertação.

É o meu Rio Grande do Sul, céu, sol, sul, terra e cor
 É o meu Rio Grande alagado de tristeza e dor
 Seu céu se tornou cinza encoberto pelas nuvens
 Estradas viraram rios seus verdes campos alagados
 O céu azul perdeu a cor em um outono inesperado
 A chuva que veio incessante destruiu tudo em instantes
 Levou sonhos e realizações arrastou casas e plantações
 O sol se tornou ausente a cada aparição um presente
 Das árvores que perdem suas folhas no outono
 Não restaram nem as raízes a enchente arrastou tudo
 Nos trouxe dias infelizes
 Pessoas ilhadas gritando por socorro
 Estradas foram levadas desmoronaram-se os morros
 Cães e gatos desesperados com água por todos os lados
 E a imagem de um cavalo rodou o mundo
 Esperando resgate em cima de um telhado
 O interior, o centro, a serra e a capital, todos desolados
 Fragmentos de um outono inesperado
 A capital que era Alegre nunca se viu tão triste
 Prédios históricos e livrarias tomados pela lama
 Quem imaginou um dia essa tragédia tamanha
 Pelos quatro cantos do Rio Grande a destruição foi grande
 Se foram vidas, pontes, casas, pavimentos, muita dor e sofrimento
 A alegria deu lugar ao lamento, muitas vidas dependiam de salvamento
 De heróis anônimos que salvaram vidas devolvendo sonhos
 A cada salvamento um sentimento de vitória
 E depois de tanta luta mereceram toda glória
 Alguns deram a própria vida para salvar desconhecidos
 Todos ficamos sentidos e jamais serão esquecidos
 A cada resgate um sorriso de gratidão
 Daqueles que foram salvos puxados pelas mãos
 Em seus olhos lágrimas que brotavam do coração

Lágrimas que se misturaram a correnteza
Do amanhã restou a incerteza
Sem ter para onde ir sem saber se poderiam voltar
Carregando a esperança de sua família reencontrar
Milhares de desabrigados outros milhares desalojados
Ficará na memória fará parte da história o outono inesperado
Nosso povo aguerrido e forte sentiu a destruição
E vimos muitos guapos virem de longe nos darem as mãos
A solidariedade do povo gaúcho chamou atenção
Logo todo o Brasil se uniu nesta missão
Em meio a tanta destruição difícil conter a emoção
Diante de todo o caos a ajuda humanitária veio de todos os cantos
De norte a sul Do Rio Grande e do Brasil
Trazendo não só mantimentos mas abraços e acalento
Carregados de sentimentos para reforçar a esperança
Brasileiro é um povo forte que se uniu de sul a norte
Ajudando o povo gaúcho a reconstruir seus pagos
E logo voltar a galopar no lombo dos seu cavalos
Levando junto seus cães tantos deles resgatados
Em um outono que era lembrado pelo pôr do sol e o céu azul
De bergamota e chimarrão, passear no campo admirar a plantação
Das sopas quentes para aquecer os dias frios
Daqueles outonos que foram sempre tão esperados
Este na nossa memória ficará marcado
Não faltou garra e perseverança onde tem amor a luta não falha
Das entranhas saem façanhas para vencermos a batalha
Ah Meu Rio Grande de encantos mil nossa luta vai ser grande
Seu exemplo foi muito longe atingiu todo o Brasil
De um outono inesperado que para sempre será lembrado
Mostrando a força da união mas também do quanto pecamos
Negligenciando os alertas e os sinais da Natureza
Pois não basta para ser livre ser aguerrido e forte
É preciso respeitá-la e preservá-la com certeza

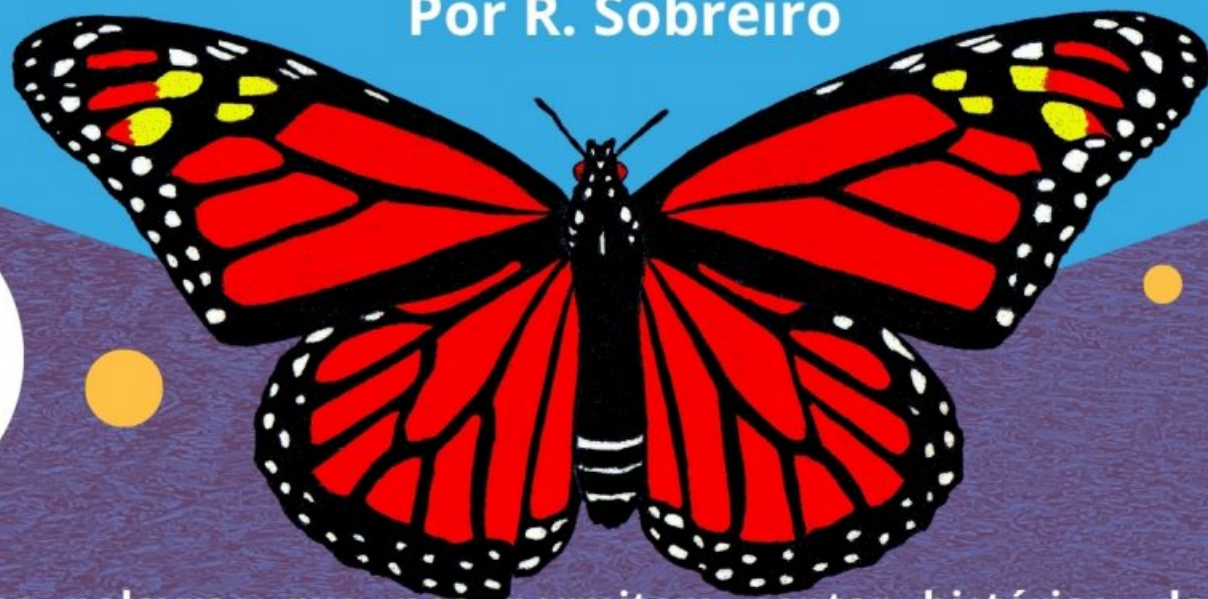
Dar ouvidos aos seus anseios e não ficarmos alheios aos seus sinais
Ela está do nosso lado em um outono inesperado nos provando mais uma vez
Que contra ela nada podemos é pouco o que fazemos para nos mantermos aqui
Vivos, são e salvos, precisamos ter mais cuidado o futuro é logo ali
Mais de um ano se passou, o futuro mais que depressa chegou
A chuva com força retornou, e muitas ruas novamente alagou
O outono passado que foi tão inesperado nos avisou
Que o futuro era incerto e vimos tudo de perto, mas nada modificou
Pelo tanto que sofremos, parece que tão pouco aprendemos
A natureza agredimos, nos apropriamos e poluímos
Nas margens construímos, jogar lixo nas ruas insistimos
Trabalhamos pela reconstrução mas antes é preciso conscientização
Do que foi perdido e do que foi esquecido por toda nação
O outono passado foi inesperado e devia chamar nossa atenção
Do quanto estamos pecando, pondo a natureza no chão
Aprendemos a ser gratos e solidários e entendemos
Que sozinhos nada somos podem passar muitos anos
Ficará na lembrança mais do que dor e destruição
Vamos lembrar do quanto nos demos as mãos
Mas precisamos aprender que a natureza que destruimos
É a mesma que nos abraça, nos dá vida e nos mantém
Que um pedaço de terra em uma enchente não vale nenhum vintém
Todos os lugares pertencem a ela, e devemos respeitá-la
Nossa força é tão pequena, diante dela perderemos a batalha
Mas isso não é uma guerra, e não precisamos maltratá-la
Preservar o que ainda resta e acabar com a ignorância
De acreditar que precisamos destruir tudo por ganância
Durante as tragédias a união acontece
Por que quando passa desaparece?



A P R E S E N T A M O S O P O E M A

VII. Iluminação

Por R. Sobreiro



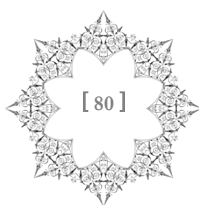
São as palavras que nos permitem contar histórias, descrever lugares, falar de pessoas. Quem se permite saber, percebe nas palavras algo profundo, verdadeiro, quando sentidas. A Rafaela nasceu em Lisboa e aprendeu a falar para dizer mais do que os olhos viam. Hoje, escreve com a leveza que a sua própria intuição lhe permite. Porque nas palavras encontra significados para a vida.

vem para a posição...
encontra a tua profundidade...
aquela que se percebe apropriada, a ti...
resolve, com determinação, fica quieto...
mantém-te por um tempo... aqui!

como navegar, até chegar a um ponto de resistência...
o teu limite!
qualquer resistência te ensina sobre limites... os teus... os deles... nossos! limites!
e, encontra resistência mental...
limitações físicas...
hesitações espirituais...
observa! como numa dança... vê como te podes render, deixar ir... dissolver!

Descobres!
o corpo quieto...
a mente calma...
o tempo, que deixou de contar as horas.
percebes o significado de compaixão, de cuidado, de carinho... consideração!

conforto...
resistência...
o que mais?
Tudo! numa dança!



A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Passos no outono

Por Roberto Schima



Neto de japoneses, nascido a 01/02/1961. Agraciado com o "Prêmio Jerônimo Monteiro", promovido pela "Isaac Asimov Magazine" (Ed. Record), pelo conto "Como a Neve de Maio". Contemplado nos concursos "Os Viajantes do Tempo" e "Os Três Melhores Contos", ambos pela Conexão Literatura, com a qual colabora desde o nº 37. Colabora também com a revista LiteraLivre. Escreveu: "Limbographia", "Sob as Folhas do Ocaso", "Cinza no Céu", "Vozes e Ecos" etc. Participou de trezentas e oitenta antologias. Contato: rschima@bol.com.br



No caminhar solitário
Pelas ruas sombrias,
Apenas o som de seus passos
No asfalto se ouvia.

Eventualmente, o roçar do vento
Nas folhas fazia
Um estranho murmúrio
Que, na distância, sumia.

As nuvens cobriam a Lua
Em triste melancolia,
Enquanto as estrelas choravam
O dissipar da alegria.

O frio gelava suas faces,
Mas ele nada sentia.
As luzes ao longe se apagavam
E o fino sereno caía.

Lembranças na sua mente rodavam:
Sonhos, ideais, fantasias,
De um mundo perdido no passado,
De paz, pureza e harmonia.

No entanto o tempo voava,
E um novo mundo surgia.
Lembranças ficavam para trás.
Não há paz, pureza e alegria.

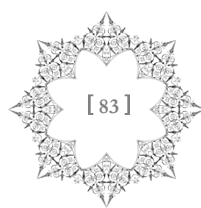
Seus passos se perdem na noite,
E ele tem que encarar o dia,

Deixando suas pegadas no asfalto
E as recordações na calçada fria.

NOTA DO AUTOR:

Escrevi esses versos na primeira quinzena de abril de 1981, aos vinte anos. Está entre os poucos poemas - se posso assim me referir - que até hoje aprecio. Reflete um período turbulento onde imaturidade e realidade se engalinhavam. Mesmo no amargor pode haver alguma nostalgia. "Passos no Outono" foi inserido no conto "O Pequeno Ser Prateado", publicado na edição nº 45 da "Conexão Literatura". Todavia, trago a presunção de que possua méritos próprios o bastante para ser apreciado de forma independente.

http://www.fabricadeebooks.com.br/conexao_literatura45.pdf



A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Ábditas paragens

Por Sellma Luanny



A autora publicou três livros de poesia de sua autoria e participou de duas antologias – em papel. "Menção Honrosa" com os poemas "Os Celtas E Eu" e "Pelos Povos" em concursos internacionais. Tem participado de e-books e edições da Revista Conexão Literatura. No YouTube, canal Sellma Batalha, tem lançado sua obra.

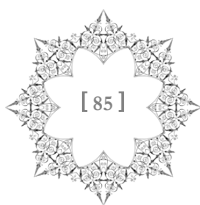
Sei-vos genuínas flores destes altiplanos.
Ao vento espalhais uma doce fragrância...
coerente com a beleza que em vós, reside...
e admiração suscita.

Sei-vos verdadeiramente leais ao próximo.
E quando este, em momentos de carência,
por vós chama... prontos estais!
E amparar, vindes.

Sei-vos brilhantes valorosos destemidos.
Competentes e verdadeiros nos vossos atos.
Sei-vos dignos de aplausos...
Não o poderia negar... jamais!

Sei-vos calorosos sonhadores...
energizando e mundos movendo
em prol deste país... do vosso povo...
Rogando por sólidos parâmetros.

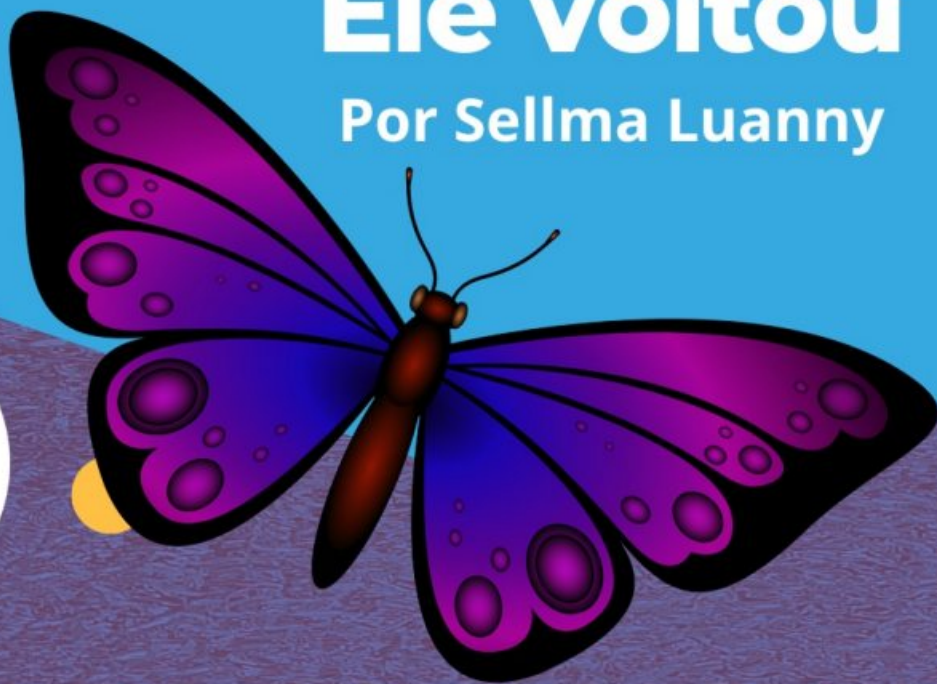
Por tudo isso vos peço:
Protegeí-vos do perigo embuçado.
Desviai-vos do camuflado e zelosos, segui.
Não permitais serdes devorados.
E sabeis que amados... sempre sois.



A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Ele voltou

Por Sellma Luanny

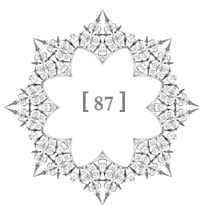


A autora publicou três livros de poesia de sua autoria e participou de duas antologias – em papel. "Menção Honrosa" com os poemas "Os Celtas E Eu" e "Pelos Povos" em concursos internacionais. Tem participado de e-books e edições da Revista Conexão Literatura. No YouTube, canal Sellma Batalha, tem lançado sua obra.

Pelos seus estrondosos acordes,
- mesmo estrondosos para um pássaro -,
nesta madrugada fui acordada.
Já não o ouvia desde
os últimos suspiros outonais.
Mas as temperaturas subiram...
e o sol brilha firme e persistente.
O Inverno se despede antes da hora.

E mais cedo, ele voltou.
Deve ter sentido nas penas
e frágil corpo,
um final de estação
e a urgência de voltar.
Nestes meados dos tempos inverniais
dos ares planetários
perdeu-se a regularidade.

Coitadinho!
E coitados de nós!



A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Tem que ser assim

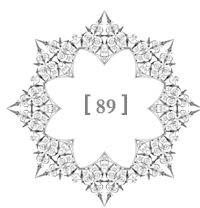
Por Sellma Luanny



A autora publicou três livros de poesia de sua autoria e participou de duas antologias – em papel. "Menção Honrosa" com os poemas "Os Celtas E Eu" e "Pelos Povos" em concursos internacionais. Tem participado de e-books e edições da Revista Conexão Literatura. No YouTube, canal Sellma Batalha, tem lançado sua obra.

Digo... e mais, escrevo.
Digo o essencial... escrevo demais.
Palavras... frases...
a puxarem por qualquer nexo.
Ou alguma coisa que puxa por mim...
Nada de muita oratória
mas registro escrito...
na pedra se pudera.
É imperativo... é medular...

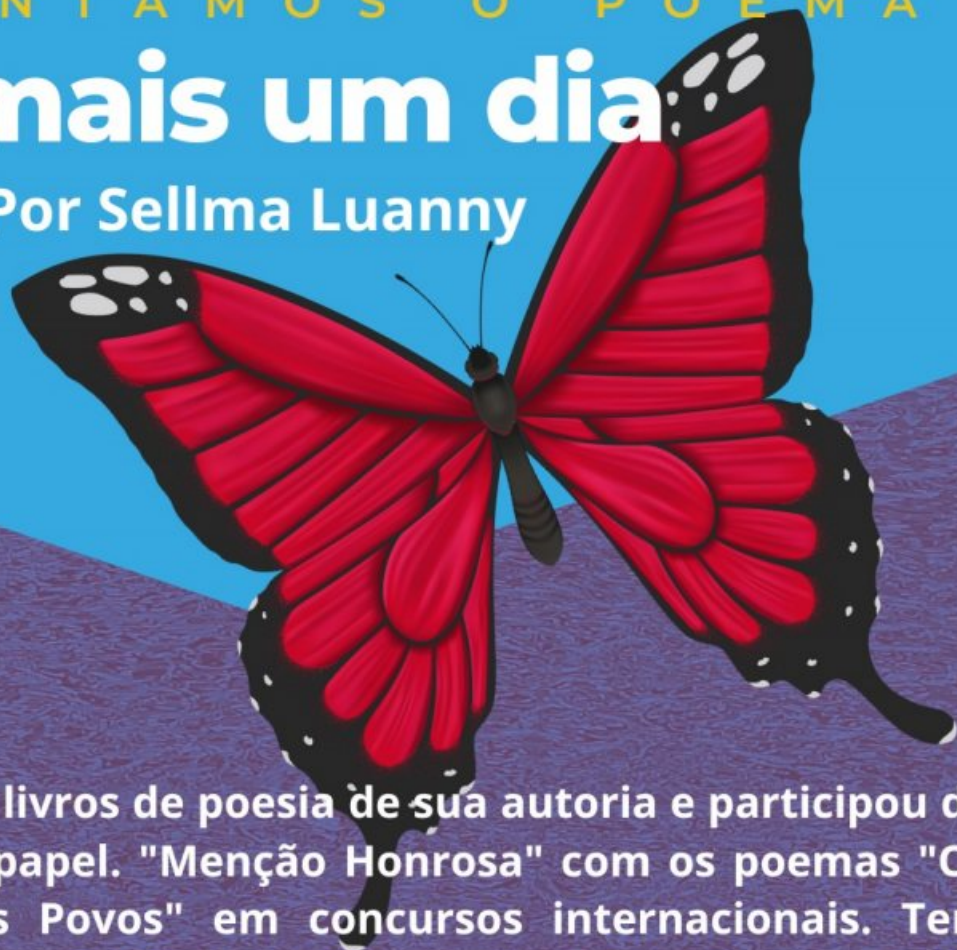
Se algo disso ficar,
serão letras interligadas
nesta língua que a questionar
deslumbra... sempre...
levando auroras em sonhos
e o noturno céu em encantamentos.



A P R E S E N T A M O S O P O E M A

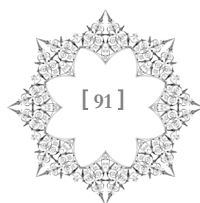
E mais um dia:

Por Sellma Luanny



A autora publicou três livros de poesia de sua autoria e participou de duas antologias – em papel. "Menção Honrosa" com os poemas "Os Celtas E Eu" e "Pelos Povos" em concursos internacionais. Tem participado de e-books e edições da Revista Conexão Literatura. No YouTube, canal Sellma Batalha, tem lançado sua obra.

Vai-se perdendo a conta
de quantos...
de onde se viveu aquele momento.
Mais um dia.
Massa temporal...
energia temporal...
dimensão temporal.
A passar num estranho ritmo...
se ritmo é.
Longo ou curto...
na peculiar cadência
de vontade independente,
na brevidade da existência.



**CONHEÇA OUTROS
TÍTULOS DA COLEÇÃO**

SELO CONEXÃO LITERATURA



**TENHA ACESSO AOS TÍTULOS
DA COLEÇÃO: CLIQUE AQUI**

**VISITE: WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR
CURTA: WWW.FACEBOOK.COM/CONEXAOLITERATURA
CURTA: WWW.FACEBOOK.COM/CONEXAOGRAMATICA
SIGA: WWW.INSTAGRAM.COM/REVISTACONEXAOLITERATURA
INSCREVA-SE: WWW.YOUTUBE.COM/CONEXAONERD
E-MAIL: ADEMIR@DIVULGALIVROS.ORG**

PARTICIPE DE NOSSAS ANTOLOGIAS. LEIA NOSSOS EDITAIS EM ABERTO: CLIQUE AQUI